

LETRAMENTO DIGITAL: REFLEXÕES SOBRE PERSPECTIVAS E DESAFIOS NAS PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

FERREIRA, Alessandra Correa da Silva¹
AGUIAR, Suzana Fabrim²
SCHWEIKART, Juliana Freitag³

O universo da procura é mais rico que o da descoberta – Gabriel Chalita

Resumo - Este trabalho tem por objetivo conhecer e analisar as percepções que os professores da educação básica têm acerca do letramento digital, no que corresponde ao processo de ensino aprendizagem, compreendidos em duas categorias de análises, perspectivas e desafios. Ao pensar na necessidade da escola em se adaptar frente as novas demandas da sociedade, considerou-se nesta pesquisa a tecnologia como uma nova demanda, e assim, identificar seus contributos e fragilidades para tal processo. Esta pesquisa foi realizada para a disciplina de Letramento e Sociedade, do mestrado acadêmico em Letras, na Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat. Pretendeu conhecer o posicionamento dos professores que estão cotidianamente lidando com essa realidade. Para a escrita desse artigo utilizou-se suporte teórico na Linguística Aplicada, face as teorias que tratam de letramento, letramento digital e letramento crítico, respaldados em Coscarelli (2016), Freitas (2010) Takaki (2015), Kenski (2012), dentre outros. Foram realizadas entrevistas em profundidade com um grupo de professores da educação básica, que ministram aulas no ensino fundamental II em uma escola da rede estadual de ensino, no município de Sinop/MT, Brasil, com a finalidade de compreender como tais profissionais se posicionam diante da tecnologia e seus impactos na sociedade, consequentemente na educação. As reflexões sobre as práticas docentes e a influência cada vez mais marcantes da tecnologia, oportunizaram momentos de profundas ponderações sobre o que pensam os professores. Os dados revelaram a importância de repensar as metodologias de ensino voltadas para essa particularidade, visto que as transformações no meio social ocorrem indissociavelmente a escola e assim, desenvolver nos alunos e professores a capacidade de refletir, pensar e de se expressar cada vez mais apropriada e criticamente.

Palavras-chave: Letramento Digital. Escola Pública. Educação Básica.

Introdução

Estudos e pesquisas sobre letramento, letramento digital, letramento crítico, estão sendo constantemente discutidos e realizados a fim integrar as pessoas ao meio em que vivem e

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Letras - PPGLetras - Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus de Sinop/MT. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras. E-mail: <alecorrea_sf@hotmail.com>

² Mestranda do Programa de Mestrado em Letras - PPGLetras - Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus de Sinop/MT. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, especialista em Psicopedagogia. E-mail: <suzana_aguiarf@hotmail.com>

³ Doutora em Estudos da Linguagem (UNESP/IBILCE). Professora da área de Língua Inglesa na Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop e membro do GEPLIAS. E-mail: juliana@unemat-net.br

também, a fim de encontrar meios para melhorar a qualidade da educação e explicar os fenômenos que ocorrem no dia a dia, considerando o contexto em que estamos inseridos. A exemplo disso, evidenciamos que a partir dos estudos do *New London Group*, com o documento “*A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures*” (Uma pedagogia dos multiletramentos: desenhando futuros sociais), publicado em 1994, os estudos sobre letramento, ganharam cada vez mais visibilidade, subsidiando assim, novas possibilidades de pesquisas no que corresponde ao letramento e seus desdobramentos, frente as demandas da sociedade, como a globalização, por exemplo. No estudo acima citado;

Os autores argumentam que a multiplicidade de canais de comunicação e o aumento do intercâmbio e da diversidade cultural e linguístico no mundo de hoje exigem uma visão muito mais ampla da alfabetização do que retratado por abordagens tradicionais baseadas na linguagem. (Cazden; Cope; Fairclough; Gee; et al, 1996, p. 60) (Tradução nossa)⁴

Vale ressaltar que uma marca expressiva da contemporaneidade é a inserção da tecnologia em vários, ou quase todos os setores do contexto social, desta forma, o interesse em estudar a linguagem na internet se popularizou na mesma velocidade em que cresce o acesso a ela. Surgem novas formas de se usar a linguagem e com isso, novas estruturas de gêneros, que desvelam novos desafios. No âmbito educacional não poderia ser diferente, o que torna fundamental a apropriação e o modo de utilização dos recursos que dispomos, citamos como exemplo, computadores, smartphones, caixa eletrônico e outros mais, com vistas a melhorar a qualidade do ensino e a adaptação às mudanças, na velocidade em que elas ocorrem. Para melhor compreensão do conceito de letramento digital, explanaremos a concepção abordada por Coscarelli (2016), a autora nos relata que:

O letramento digital parte desse pluralismo, vai exigir tanto a apropriação das tecnologias – como usar o mouse, o teclado, a barra de rolagem, ligar e desligar os dispositivos – quanto o desenvolvimento de habilidades para produzir associações e compreensões nos espaços midiáticos. (COSCARELLI, 2016, p. 21)

Compreendendo a necessidade de utilização de métodos diferenciados pelos professores incluindo as inovações tecnológicas na docência, para formar cidadãos críticos e reflexivos, almejando a melhoria na qualidade do processo de ensino. Desse modo, entendemos que:

⁴ No original: *The authors argue that the multiplicity of communications channels and increasing cultural and linguistic diversity in the world today call for a much broader view of literacy than portrayed by traditional language-based approaches.*

Aprender a ensinar e a se tornar professor precisa ser compreendido não como um evento configurado e concebido dentro de um determinado tempo e espaço, mas como um longo, contínuo, complexo e multidimensional processo que se estende no decorrer de todo o percurso formativo do professor. (MARIANI, 2017, p. 185).

Compreendendo também as relações entre os desafios de desenvolver o letramento digital, o pesquisador Marc Prensky, especialista em tecnologia e educação que, em sua obra *“Digital Natives, Digital Immigrants”* (Nativos digitais, imigrantes digitais), escrita em 2001, traz vários questionamentos sobre os desafios em ensinar na era digital. Para o autor, a chegada e a disseminação rápida da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX é algo que ele define como “singularidade”, ou seja, um evento que muda as coisas de modo fundamental que não há absolutamente nenhuma volta. Para Prensky, o maior problema da educação hoje é que nossos instrutores (professores) são imigrantes digitais, que falam uma linguagem desatualizada (a idade pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova.

Nesta pesquisa, objetivamos identificar e analisar as percepções que os professores da educação básica têm acerca do letramento digital, no que corresponde ao processo de ensino aprendizagem, compreendidos em duas categorias de análises, perspectivas e desafios. A pesquisa foi realizada no município de Sinop-MT, com docentes da rede pública estadual de ensino, com níveis diferentes de formação e pós-graduação. Evidenciamos que foram sujeitos da pesquisa, professores especialistas e um professor doutor, de áreas de atuação distintas, porém, atuantes no ensino fundamental II, mais precisamente, do 6º ao 9º ano, da escola ciclada, que é a política educacional do governo do estado de Mato Grosso.

Pretendemos, desse modo, reconhecer qual o papel da escola enquanto espaço para construção e socialização do saber, assim como, qual a responsabilidade dos educadores diante das atuais demandas da escola contemporânea, buscando identificar as perspectivas e os desafios frente a prática docente no contexto atual.

Bases Teóricas

Apresentaremos nessa seção, definições sobre o letramento digital e letramento crítico, pois as mesmas convergem em vários momentos, assim como, exporemos concomitantemente alguns excertos das entrevistas em que se sobressaíram hipóteses de letramento digital e

letramento crítico na prática docente, bem como, aporte teórico acerca do nosso entendimento sobre perspectivas e desafios, para posterior análise dos dados, nessas duas categorias.

Letramento digital e letramento crítico

Os estudos de Monte Mór (2013) trazem que “o letramento crítico parte da premissa de que a linguagem tem natureza política em função das relações de poder nela presente.” (MONTE MÓR, 2013, p.42). Contudo, estamos imersos em uma sociedade digital, fortemente marcada pelo uso da internet e que requer habilidades de letramentos fundamentais para o uso das tecnologias digitais.

Neste sentido, no âmbito educacional, estudos e pesquisas sobre as tecnologias, conseqüentemente o letramento digital e letramento crítico vêm crescendo consideravelmente no Brasil. De acordo com a pesquisadora Freitas (2010, p. 336), o letramento digital pode ser entendido como um conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica. Assim, a escola deve proporcionar o contato e disponibilizar uma postura que julga o que chega aos olhos, automaticamente, desenvolver a consciência crítica de tudo que envolve a informação:

Hoje, o aluno traz para a escola o que descobriu em suas navegações de internauta e está disposto a discutir com seus colegas e com o professor. Ele não vê mais o professor como um transmissor ou a principal fonte de conhecimento, mas espera que ele se apresente como um orientador [...] (FREITAS, 2010, p. 348).

A escola é considerada um ambiente híbrido, totalmente favorável a construção, socialização e exploração do conhecimento, misturam-se vários saberes e formas muito distintas de aprender, onde o docente necessita, em sua função, integrar os recursos digitais às práticas pedagógicas, diga-se, integrar de modo coerente no sentido de apropriação crítica e reflexiva da tecnologia. De acordo com Freitas (2010, p. 341):

[...] a escola está deixando de ser o único lugar da legitimação do saber, o que se constitui em um enorme desafio para o sistema educativo. Diante desse desafio, muitas vezes os docentes adotam uma posição defensiva e às vezes até negativa, no que se refere às mídias e às tecnologias digitais, como se pudessem deter seu impacto e afirmar o lugar da escola e o seu como detentores do saber.

Na sala de aula as diversas tecnologias se destacam e nos fazem refletir sobre o nosso sistema educativo, que diante das várias formas de aprender e ensinar, ainda se encontra organizado, na maioria das vezes, em torno da escola e do livro didático. A contemporaneidade

traz para o contexto educacional possibilidades para inovar o processo de ensino e aprendizagem. Takaki (2015, p. 28), muito apropriadamente nos lembra que, “os letramentos deste século integram uma profusão de significados semióticos, sensoriais, sinestésicos, emotivos, criativos, políticos”. As atividades da vida incluem uma forma de linguagem, distribuição de poder e conhecimento.

Diante dessa profusão de significados, os meios tecnológicos de informação e comunicação ocupam um espaço significativo e devem ser considerados na escola pelos professores em sua prática docente, em uma análise crítica, neste artigo, doravante letramento crítico. Vicentini e Zanardi (2015) apontam que se faz necessário selecionar a informação a que se vai aderir. Não se pode comentar e aceitar tudo. Neste sentido é indispensável “desenvolver a capacidade de leitura crítica, algo que já era necessário—e a escola não costuma fazer —, mas que se torna mais imperioso no contexto das novas tecnologias” (VICENTINI e ZANARDI, 2015, p. 06).

Ao que corresponde a postura do professor diante dessa demanda, entendemos pois:

O professor, ao refletir sobre sua prática, pode explicitar e desenvolver uma postura crítica de suas crenças, pressupostos e ações sobre linguagem, ensinar e aprender línguas, e buscar alternativas transformadoras para suas adversidades e situações cotidianas de sala de aula. O processo reflexivo pressupõe disposição, revelando-se apropriado, quando condições são criadas de maneira sustentada e colaborativa. (ARAGÃO e CAJAZEIRA, 2015, p. 305)

Esse conceito abordado pelos autores, em um viés de reflexão, criticidade e ensino, são evidenciados nos excertos abaixo, que foram retirados das entrevistas, assim, percebemos que os docentes entrevistados, têm a compreensão da importância do letramento digital, bem como, sua função enquanto educador no atual contexto social. Vejamos:

*Eu acho que quanto mais claro a gente deixar para os alunos a **importância do uso da tecnologia, destacando que aquilo não é um fim, mas um meio para que eles possam compreender melhor o conteúdo e o que é educação, aí sim eu acho que o uso da tecnologia vai fazer mais sentido.** (Professor Eduardo, 28/06/2018, grifo nosso)*

*[...] no que se refere a questão do uso da tecnologia, que é uma coisa, que é uma revolução, a tecnologia...ela faz parte do nosso cotidiano, ela influencia as relações sociais, as relações humanas, o desenvolvimento científico. **A tecnologia está presente em todas as estruturas da sociedade, e claro, ela vai, de alguma forma, ela respinga no âmbito da educação.** (Professor Eduardo, 28/06/2018, grifo nosso)*

A proposta é fazer com que nossa aula gere no aluno uma reflexão, uma reflexão para que no final eles possam se tornarem cidadãos, seres críticos, que possam, enfim, contestar com consistência o sistema, a realidade na qual eles estão

inseridos. Eu acho que a gente pode sempre modificar. A gente tem que modificar. A gente não pode ficar parado. Quem fica parado é quem está com medo. E a gente, na educação, nós enquanto professores, agentes de ensino, temos uma função muito importante, muito importante nesse sentido. (Professor Eduardo, 28/06/2018, grifo nosso)

Precisamos, portanto, reconhecer qual a responsabilidade dos educadores diante das atuais demandas da escola contemporânea, nesta pesquisa, entendemos a tecnologia como uma atual demanda, buscando identificar os desafios frente a prática docente no contexto atual, e encontrar alternativas de superá-los, considerando as particularidades que interferem direta ou indiretamente na sala de aula, como as constantes e rápidas evoluções. Entendemos então que: “Resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e de se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito” (YUNES, 2002 *apud* PEREIRA, 2013, p. 10).

O desenvolvimento profissional docente é um processo contínuo em que é encontrar maneiras de a escola e o professor refletir suas práticas antigas e acrescentá-las ao novo, desse modo, desenvolver novas formas de ensinar e aprender, em razão das exigências postas pela contemporaneidade. “Desde seu surgimento, a formação contínua dos professores *refere-se* às práticas profissionais, mas faz pouco tempo que ela parte regularmente das práticas em vigor, para fazê-las mudarem, graças a um desvio reflexivo”. (PERRENOUD, 2000 *apud* PEREIRA, 2013, p. 12, grifo do autor).

Muitos professores não se sentem plenamente preparados a adentrar uma sala de aula assim que saem da graduação, os dados obtidos com a pesquisa, evidenciaram que essa insegurança se dá, fundamentalmente, em como utilizar os recursos tecnológicos em favor do aprendizado dos alunos, como romper algumas barreiras culturais de ensino e tentar promover algo novo.

Apresentamos a seguir, excertos das entrevista, em que essa percepção, concernente a formação inicial dos entrevistados, obteve reincidência considerável, a partir da questão que sugere a classificação quanto a formação/graduação, ter utilizado as bases necessárias para o professor atuar frente a essa realidade, neste caso, a tecnologia. Portanto, será abordada de modo a conhecer a satisfação do professor, com relação a sua formação inicial, exclusivamente nesse aspecto. Vejamos alguns excertos:

Bom a minha formação usou muito pouco esta questão do uso das tecnologias na sala de aula. Até porque foi um período onde não tinha tanta ênfase nisso. As instruções sobre esses usos de tecnologia também, e o processo de ensino não foram abordados de maneira aprofundada. Foi tudo muito superficial. (Professora Tatiane, 28/06/2018, grifo nosso)

Eu me formei na Universidade Federal de Santa Maria em 2010, de 2009 para 2010. Eu destacaria, inicialmente, que no geral o curso de graduação não me preparou adequadamente para lecionar na educação básica. Aliás, eu acredito até que, por ser um curso de licenciatura, nós poderíamos ter tido mais momentos de estágio antes do quadro oficial. (Professor Eduardo, 28/06/2018, grifo nosso)

Quanto à minha formação, eu classifico como satisfatória, porém, assim, não me deu suporte suficiente na questão de atuar com as especialidades...quando eu cheguei na escola, por exemplo, a questão de alunos especiais, algumas questões como metodologias de intervenção com esses alunos ou até mesmo em situações que eu tenho que trazer a tecnologia para a sala de aula. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)

Então, assim, na minha graduação, na minha formação, eu tive instrução sobre o uso de tecnologia, cursos, seminários sobre esse uso, só que não assim de forma como tratar isso na realidade da escola, porque quando você faz um curso, ou vê alguma fala, uma palestra, aquilo você imagina na sua cabeça e faz tudo certinho ali, mas na hora da prática tudo isso acaba se transformando e tomando outros rumos. Então assim, eu tive a instrução, mas eu percebi que quando a gente tá na sala de aula, na escola, tudo isso se torna muito mais amplo, muito mais complexo. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)

Percebemos nas falas dos entrevistados acima que as questões relativas ao uso de tecnologias não foram trabalhadas ou abordadas suficientemente e que a formação inicial também deixou outras lacunas. Para **Tatiane** foi tudo muito superficial. **Eduardo** afirma que o curso não o preparou adequadamente, que o estágio não foi suficiente. **Vanesa** diz que foi satisfatória, mas logo em seguida, afirma que a graduação não ofereceu suporte suficiente, principalmente no que se refere à inclusão de alunos especiais e também relativa ao uso da tecnologia na sala de aula.

No que corresponde a formação do professor, destacamos que tal temática é assunto de grandes debates, que daria outra investigação, na qual os avanços e retrocessos são constantes. Contudo, esse é o primeiro grande passo na carreira. Para Gregio (2005, p.275) “Em tese, a formação do professor deve ocorrer na academia, como formação inicial e de forma permanente ou continuada ao longo da vida profissional”. Neste sentido a busca por qualificação é contínua, mas uma boa formação inicial é importante.

Perspectivas e desafios do docente frente ao uso das tecnologias na escola

As mudanças advindas do uso da tecnologia, expansão e a facilidade de acesso à internet têm transformado as relações com outras pessoas e com o próprio saber. Os desafios postos no cotidiano tornam-se cada vez mais difíceis de serem previstos, convivemos com a sensação da necessidade de eterna busca e atualização.

Sobretudo, no que corresponde a educação, a escola pode e deve oportunizar melhores espaços e condições de aprendizagem, entendemos que o desenvolvimento tecnológico da informação, permite que a aprendizagem ocorra em diferentes lugares e por diferentes meios. As Tecnologias de informação e comunicação – TICs, podem ser definidas como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum. No entanto, foi a popularização da internet que potencializou o uso das TICs em diversos campos.

No centro desse complexo de habilidades, está a capacidade de se envolver com as tecnologias digitais, algo que exige um domínio dos letramentos digitais necessários para usar eficientemente essas tecnologias, para localizar recursos, comunicar ideias e construir colaborações que ultrapassem os limites pessoais, sociais, econômicos, políticos e culturais. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17)

Entendemos portanto, neste artigo, como perspectivas, saber e querer utilizar as tecnologias digitais a favor do processo de ensino aprendizagem do aluno, bem como, suporte didático metodológico do professor em sua função, ajudá-los a construir ideias que ultrapassem os limites pessoais, sociais, econômicos, políticos e culturais, assim como nos diz a teoria acima mencionada. Desse modo, Aragão e Cajazeira, sugerem que:

Para isso, o professor deve estar sempre à procura de novas ferramentas de ensino, aquelas que se desprendam do uso apenas de giz e quadro. Nessa perspectiva, é discutida a importância de nova postura para esse profissional, enfeixando as questões de letramento e multiletramento. (ARAGÃO; CAJAZEIRA, 2015, p. 315)

Os autores acima trazem a reflexão sobre a importância de utilizar novas ferramentas de ensino, os dados revelaram que nossos sujeitos de pesquisa têm a compreensão explanada pelos autores e estão plenamente interessados em buscar novas metodologias de ensino, os mesmos citam fatores que contribuem e dificultam esse processo, considerando esse viés de análise. Coscarelli (2016) traz a reflexão da importância do letramento digital e menciona que:

Há, pelo menos, dois desafios que devemos enfrentar quando se trata de desenvolver o letramento digital. O primeiro é que a leitura como objeto de ensino deve ser levada para a escola sem simplificações, considerando não só habilidades cognitivas – tais como inferir, antecipar [...] mas, sobretudo, levando em consideração seus propósitos e sua diversidade enquanto prática social. O segundo desafio é incluir as tecnologias digitais, de modo que os sentidos atribuídos a elas no contexto social não se tornem demasiadamente artificiais quando escolarizados. (COSCARELLI, 2016, p. 27)

Vários são os desafios encontrados pelo professor ao exercer a função, no entanto, valer-se dessa particularidade para justificar práticas que não são tão eficazes não é adequado. É necessário testar as possibilidades, os recursos e as metodologias que estão cada vez mais presentes na nossa vida, como professores, formadores de opinião, não devemos fazer vistas grossas a tecnologia, mas sim, tentar, ao menos, inseri-la na prática pedagógica. Com salas de aula cada vez mais heterogêneas e com a fluidez das coisas de uma maneira incalculável, o papel do professor vai se ressignificando dia após dia, com os desafios que se deparam na sala de aula, na diversidade dos saberes.

Vejam alguns excertos das entrevistas realizadas, nos quais, os professores mencionam a relevância de promover e incentivar o letramento digital no âmbito escolar:

Para melhorar, acho que esse uso de tecnologia em sala de aula seria...maior formação e conscientização dos alunos mesmos, estrutura da escola, dar uma modificada, porque a gente não tem ali um apoio 100% para trabalhar isso dentro da escola. (Professora Tatiane, 28/06/2018, grifo nosso)

E ser um bom professor, que tenha domínio de sala de aula, domínio do conteúdo, se possível, conciliar isso com recursos tecnológicos, utilizando esses recursos como um meio e não como um fim, com certeza a aluno vai fazer daquele momento, vai ver algum sentido naquilo. E quando a gente vê sentido naquilo, a aula fica muito mais leve, mais interessante para o professor e para os alunos. (Professor Eduardo, 28/06/2018, grifo nosso)

Melhorar, também, quanto a questão do sistema para poder ser usado em sala de aula. Não só o professor utilizar dos meios tecnológicos no momento do planejamento na sala do educador, por exemplo, e sim também em sala de aula, porque dentro da sala, no momento da aula, surgem algumas dúvidas, surge algo que não está planejado, e se você tem ali a internet para que você possa pesquisar, imagino que naquele momento você pode sanar aquela dificuldade, sanar a dúvida daquele aluno sem muita precaução e sem prejudicar ninguém e muito menos o planejamento. (Professora Ester, 28/06/2018, grifo nosso)

Os professores pontuam que o uso da tecnologia aumenta o interesse dos alunos pela aula ou pelo conteúdo trabalhado. Mas ao mesmo tempo há a preocupação de que a atividade não seja interpretada como um ‘passatempo’. Ainda apontam algumas dificuldades práticas enfrentadas durante as aulas, relativas ao planejamento, que requer bastante tempo e nem

sempre é possível utilizar-se dos recursos necessários e também a indisciplina dos alunos, que às vezes tumultuam e dificultam o controle das atividades propostas.

Reforçam ainda, que o professor precisa estar comprometido em procurar novos caminhos e exercer sua autonomia neste processo de busca e inserção das tecnologias nas suas aulas. Denotam também que é preciso que o aluno seja conscientizado sobre a importância da atividade e que a tecnologia precisa fazer sentido dentro do processo de ensino e aprendizagem. Pois a tecnologia está presente em todas as estruturas da sociedade, no âmbito da educação não pode ser diferente. E neste sentido os professores, agentes de ensino, têm uma função muito importante.

Procedimentos Metodológicos

Diante das considerações e abordagens teóricas apresentadas até agora, conceituam-se os princípios da pesquisa qualitativa em que se sustentam os procedimentos de estudo utilizados neste trabalho, mais especificamente, entrevistas em profundidade.

Caracterização do estudo

Entende-se nesta proposta que a investigação qualitativa deve zelar, necessariamente, pela reflexão de seus princípios epistemológicos, partindo da concepção de que é a busca dos significados atribuídos à experiência humana, assim, as ressignificações surgem por meio dos questionamentos, do refletir das repostas dadas por intermédio de entrevista qualitativa, em profundidade ou semiestruturada.

Nesse sentido, o diálogo proposto nesse tipo de entrevista, como um instrumento de coleta de dados, constitui-se naquele em que o pesquisador busca o protagonismo do participante. Nesta condição, o pesquisador permite que o participante tenha liberdade de apresentar suas opiniões, memórias e emoções que constituem suas experiências de vida pessoal e profissional, tendo como função do pesquisador, o direcionamento das questões que lhe são mais valiosas.

Para Marconi e Lakatos (2011, p. 269) o método qualitativo difere do quantitativo não apenas por não utilizar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados. Ou seja, “A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos

mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”.

Desta forma, pautada nas bases da pesquisa qualitativa, por meio de análise bibliográfica e entrevistas com professores do ensino fundamental que atuam na rede pública de ensino no município de Sinop, buscamos investigar as percepções que esses profissionais detém acerca do letramento digital e letramento crítico, fundamentalmente no que corresponde ao processo de ensino aprendizagem, compreendidos em duas categorias de análises, perspectivas e desafios.

Para a coleta das informações optou-se pelo questionário semiestruturado com perguntas abertas, pois, por meio deste instrumento é possível obter as informações objetivadas. De acordo com Lakatos e Marconi (2004 p. 279) este instrumento de pesquisa dá possibilidade para que o pesquisador venha a “conduzir a informação a qual ele pretende obter, por outro lado, na forma estruturada o questionamento é limitado com perguntas que não vão abranger questionamentos além dos apresentados ao entrevistado”.

Na pesquisa qualitativa, relativo à escolha dos participantes, de acordo com Triviños (1987, p.132) busca-se:

[...] uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc.)

Os sujeitos participantes da pesquisa são professores que estão atuando no ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano, compreendendo alunos com faixa etária de 12 a 15 anos, aproximadamente, em uma escola da rede pública estadual em Sinop, Brasil, em efetivo exercício da profissão. Quatro foram os selecionados e convidados a nos conceder entrevistas, fato este que foi facilitado por fazerem parte do ciclo de amizade dos entrevistadores. As entrevistas ocorreram de forma pacífica, na hora-atividade do professor, na unidade em que atua. Houve o deslocamento dos pesquisadores até o local, a fim de proporcionar maior conforto aos entrevistados e foram gravadas por meio de um aplicativo do celular.

O *corpus* de análise desta pesquisa são os relatos, as falas apresentadas pelos professores, a partir da transcrição das entrevistas, no que corresponde ao uso das tecnologias em favor ao processo de ensino/aprendizagem, compreendendo o letramento digital,

perspectivas e desafios, no dia a dia da sala de aula, na prática docente. Ao todo foram realizadas 4 entrevistas, com duração média entre 5 e 15 minutos, variando de acordo com o posicionamento de cada professor, bem como, a forma pela qual ele optou em responder as questões norteadoras.

É importante apresentar algumas das questões norteadoras que foram utilizadas para as entrevistas, a saber:

1. Em sua formação inicial, houve instruções sobre o uso da tecnologia em favor do processo de ensino?
2. Você se sente seguro para ensinar diante da inserção da tecnologia cada vez mais presente em todas as áreas?
3. Quais recursos tecnológicos você utiliza enquanto professor?
4. É possível desenvolver atividades que envolvam tecnologias na sua área e na sua escola? Quais são os aspectos que dificultam e favorecem essa prática?
5. Na sua opinião, como dosar o uso das tecnologias durante as aulas com o objetivo de desenvolver o letramento digital nos alunos?

Foram um total de 12 questões norteadoras, porém, mencionamos apenas algumas para exemplificar o teor da pesquisa e análise.

Os participantes

Participaram da entrevista 4 professores que indicaram atender aos critérios de triagem e que concordaram em conceder a entrevista, mencionamos que os critérios foram: atuar na rede estadual de ensino, ministrar aula no ensino fundamental II, ou seja, do 6º ao 9º ano, e que demonstrassem ter interesse em temas como internet, ensino e letramento digital. Todos os entrevistados concordaram em identificar-se com o nome no presente estudo.

Quadro 1 - Professores entrevistados - Formação/Atuação

Nº	Professor(a)	Formação	Pós-graduação	Disciplina que ministra	Tempo de atuação com ensino	Duração da entrevista em áudio
1	Ester	Letras	Especialização: Alfabetização e literatura. Informática na educação	Língua Portuguesa	12 anos	7'15''
2	Eduardo	História	Doutorado: História Política	História	2 anos	8'13''
3	Vanesa	Letras	Especialização:	Língua Inglesa	4 anos	14'57''

			Ensino e metodologia de língua portuguesa e literatura			
4	Tatiane	Letras	Especialização: Gestão educacional	Língua Portuguesa	8 anos	5'44''

Fonte: Autores.

A entrevista foi organizada em duas partes. Na primeira, cada participante, individualmente, respondeu por escrito a uma ficha, denominada Ficha do professor, na qual continham informações acerca da formação, atuação e como que eles gostariam de ser apresentados na pesquisa, todos optaram por relevar o nome. Em seguida, recebiam um roteiro contendo as questões norteadoras para o desenvolvimento da entrevista, cada entrevista foi gravada individualmente e foi dado ao entrevistado a liberdade de responder as questões uma a uma ou unificar em uma única resposta, vale dizer que obtivemos as duas opções na coleta de dados.

Descrição e Análise dos Dados

Apresentaremos nessa sessão, excertos das entrevistas fundamentados em duas categorias de análises, perspectivas e desafios, conforme explanado anteriormente.

Perspectivas: contributos da tecnologia para o processo de ensino aprendizagem

Perspectivas em práticas de ensino, está muito relacionado a vontade do professor em acreditar que é possível melhorar sempre. Neste sentido, querer e saber utilizar as novas tecnologias a favor do aprendizado dos alunos e do seu próprio, está cada vez mais presente nas reflexões do professor. Em um mundo onde as coisas mudam rapidamente, a educação, está tendo muita dificuldade em adequar-se frente a essa realidade, acostumados culturalmente com um método tradicionalista de ensino, propor mudanças, pode ser muito difícil, no entanto extremamente necessário. Reiteramos nosso posicionamento sobre o método tradicional de ensino, conforme mencionado anteriormente, nosso propósito aqui não é tecer críticas, mas sim, evidenciar a necessidade de adequação da escola frente as novas demandas da sociedade contemporânea.

A partir de questões que objetivavam encontrar nas falas dos professores, respostas, no sentido em que, se é possível ensinar na área específica, valendo-se dos recursos tecnológicos,

e indicar de acordo com o conhecimento que eles detêm, o que é necessário fazer para que isso se materialize e se efetive na escola, nesta pesquisa, com foco na educação básica. Os entrevistados tiveram respostas muito positivas com relação ao ensino e as possibilidades de práticas que ocorrem na escola, embora tenham retratado algumas dificuldades, os dados evidenciaram que eles estão motivados e entusiasmados a ensinar nesse contexto, apesar da universidade, na formação inicial, não ter dado suporte para atuar frente a essa realidade. Pode-se constatar essa afirmação com fragmentos das entrevistas no capítulo 1.1 deste artigo, que corresponde a definições de letramento digital e letramento crítico, os entrevistados, oscilaram as opiniões sobre se sentir seguros para essa demanda. Vejamos alguns excertos:

Sobre se sentir seguro, diante dessa tecnologia em sala de aula, acredito que sim, até porque é algo bem presente no dia a dia das crianças e no meu dia a dia, então é algo que eu consigo desenvolver com tranquilidade nas aulas. (Professora Tatiane, 28/06/2018, grifo nosso)

Nesse sentido, eu ainda não me sinto plenamente seguro para utilizar, para inserir as tecnologias nas áreas. Então, eu vou fazendo assim, dentro da realidade que aparece dentro das escolas, enfim, de acordo com o que vem aparecendo. (Professor Eduardo, 28/06/2018, grifo nosso)

Eu vejo hoje, que nos dias atuais, as tecnologias e seu uso são primordiais. Por conseguinte, não existiu uma formação continuada, então, isso eu vejo ainda que, no ensino, fica a desejar. Eu vejo assim, que eu me sinto segura sim para trabalhar com as tecnologias em sala de aula. (Professora Ester, 28/06/2018, grifo nosso)
Então, a segurança em si, ela não existe, porque você só tem segurança de alguma coisa quando você coloca em prática e a cada dia você desenvolve novas técnicas. (Professora Ester, 28/06/2018, grifo nosso)

Então, assim, a questão da segurança da tecnologia na sala de aula ela depende muito do que você vai trabalhar e do seu foco, porque as vezes acaba que você planeja uma aula, um desenvolvimento, e aí na hora que você chega ali aquilo acaba tomando outro rumo e se, tipo assim, fugindo aquilo que é foco principal. Então, assim, não vejo a tecnologia presente em todas as áreas, pelo menos na unidade escolar que eu trabalho, grande parte dos professores não faz esse uso, por exemplo, a escola tem laboratório, poucos professores que fazem o uso, de levar os alunos para fazer pesquisas. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)

Nas falas dos professores podemos perceber o reconhecimento de que a tecnologia faz parte do dia a dia, tanto do professor quanto do aluno, reconhecem que seu uso é primordial, mas, admitem que haja sim, uma insegurança de como as tecnologias de informação e comunicação – Tics, podem efetivamente auxiliar no trabalho pedagógico. Que falta formação continuada para auxiliar melhor o professor. O professor **Eduardo** menciona que a utilização

de novas tecnologias também está vinculada ao que está disponível na instituição de ensino em que atua.

Os dados evidenciam, que para os nossos entrevistados, não há insegurança quanto ao uso dos aparatos tecnológicos, mas sim de como elas podem de fato contribuir com o ensino e aprendizagem dos alunos. Para Kenski (2012, p. 58) “os problemas existentes na relação entre educação e tecnologia vão muito além das especificidades das tecnologias e da vontade dos professores em utilizá-la adequadamente em situações de aprendizagem”. Para a autora as dificuldades podem ser atribuídas tanto à formação inicial precária ou falta de formação continuada aos professores. Quanto relativo a problemas técnicos e operacionais, que vão desde quantidade suficiente de computadores para uso dos alunos, acesso à internet e manutenção de equipamentos. Estas dificuldades são evidenciadas na fala da professora **Vanesa**, quando ela relata que: “*nosso laboratório tem apenas 10 máquinas, em vista que todas as turmas são compostas por 30 alunos*” (Professora Vanesa, 28/06/2018)”.

Concernente ao uso de recursos tecnológicos que o professor utiliza nas aulas, com vistas a melhorar a prática docente, atrair a atenção dos alunos e dialogar com eles sobre possibilidades de busca por conhecimento, informações e atualização, foi possível identificar que os sujeitos de pesquisa utilizam recursos para fins pedagógicos, podemos acompanhar nesses fragmentos:

Então, por exemplo, os recursos tecnológicos que você utiliza? Eu gosto de utilizar dentro dos recursos tecnológicos...eu gosto de usar música, gosto de usar filmes, documentários, jogos. Eu acho que tudo isso pode trazer para o aluno um interesse maior acerca do conteúdo escolar. E tento passar para eles, também, que isso não é um passatempo. (Professor Eduardo, 28/06/2018, grifo nosso)

[...] em qualquer proposta, pode-se usar a tecnologia, e essa inserção dentro dos contextos, dentro da gramática, hoje em língua portuguesa, eu vejo muito relacionada ao gênero textual. Então, por exemplo, os HQs tem uma infinidade de tecnologias que podem ser usadas por nossos alunos. Esses recursos, como um computador, um celular, os e-mails, blogs, são propostas que facilitam o trabalho dentro da leitura, dentro do desenvolvimento, dentro de uma produção textual, fora que ele vai possibilitar um argumento, uma inquietação nos alunos, onde eles vão poder relacionar melhor com professor/aluno. (Professora Ester, 28/06/2018, grifo nosso)

na minha escola, o que poderia melhorar, na questão do uso da tecnologia, bom assim, aparentemente, tudo que nós temos de recursos, data show, TV, laboratório, tudo está assim, ao alcance de todos, temos um cronograma para reservar o laboratório quando precisa fazer uso, o data show, a TV, então assim, atualmente tudo vem tranquilo, não mudaria nada, não acrescentaria nada, é claro que precisaríamos um pouco mais de suporte no laboratório, que a gente só tem dez máquinas e muitas vezes quando se leva uma turma lá tem que deixar alguns ociosos, sentar em duplas ou em trios, mas o suporte que a escola nos oferece, a princípio, é satisfatório, não mudaria nada, poderia melhorar a equipação dos

*computadores no laboratório, mas da maneira que está, acho que está tudo ok.
(Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)*

Nesta perspectiva, os professores acreditam que o uso da tecnologia aumenta o interesse dos alunos pela aula ou pelo conteúdo trabalhado. Mas ao mesmo tempo há a preocupação de que a atividade não seja interpretada como um ‘passatempo’. Acreditamos que seja importante este cuidado por parte do professor, pois o leva a um planejamento bastante específico, em que, um filme ou uma música levada para a sala de aula seja realmente dentro de um propósito maior e de continuidade.

A professora **Ester** acrescenta que há uma infinidade de formas para explorar o uso das TICs em suas aulas. Almeida e Moran (2005, p. 72) destaca que a aprendizagem também é um processo de construção do aluno, “[...] mas nesse processo o professor, além de criar ambientes que favoreçam a participação, a comunicação, a interação e o confronto de ideias dos alunos, também tem sua autoria”. Desta forma, as TICs podem ser exploradas com o intuito de fazer com que desperte mais interesse no aluno e o professor que associa uma TIC com a metodologia desenvolve cada vez mais a habilidade relacionada ao domínio da tecnologia e potencialidades pedagógicas em relação à aprendizagem.

Desafios em práticas de letramento digital

De acordo com Coscarelli (2016), um dos maiores desafios para a educação, é utilizar a internet de uma maneira que o aluno perceba sentido no que está sendo feito, os dados evidenciaram que além disso, dificuldades como indisciplina dos alunos, poucos equipamentos no laboratório de informática, internet ruim e proibição do uso do celular, bem como, os alunos não terem acesso a essas tecnologias em casa e rejeição ao uso das tecnologias por parte de alguns professores, se sobressaíram nas falas dos nossos entrevistados. Esses desafios serão explanados nesta ordem, para melhor compreensão.

Portanto, apresentamos excertos que abordam como desafio, a atribuição de sentido para o uso das tecnologias de modo consciente, ou seja, face ao letramento digital crítico:

Quando a gente pensa em pôr em prática esse fazer pedagógico, nós temos que pensar pela seguinte forma, que, o que isso vai trazer de bom para a minha disciplina, como que isso pode agregar o melhor desenvolvimento da minha aula, então assim...eu acho que o maior desafio é tentar fazer com que aquilo reflita num bom desempenho depois para o meu aluno, que ele sabia que aquilo não foi simplesmente ir ao laboratório fazer uma pesquisa, sem um foco maior, sem um motivo que realmente

valesse a pena, fazer com que aquilo faça sentido para o aluno, que é o que a gente tenta todos os dias em sala de aula. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)

*Dosar esse uso dessa tecnologia, seria, usar o uso da tecnologia como um recurso a mais para a sua aula, porque muitas vezes, ou o professor não faz uso da tecnologia, ou em alguns casos, raramente, ele faz muito, **leva muito filme, ou faz muito uso de outros meios digitais**, mas eu acho que seria usar o letramento digital como auxiliar, como assim um adjunto a aula, **por aí...o que eu vejo, o aluno perceberia, com o tempo, que o uso da tecnologia não é só para diversão**, existe também um fundo, existe algo um pouquinho mais além. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)*

*Eu vejo que, assim, ela contribui muito, contribui assim de forma gigantesca. No entanto, eu penso que **o maior desafio hoje para a educação é como conciliar esse uso dessa tecnologia com o ensino aprendizagem, conscientizar esses jovens, porque muitas vezes eu vejo que eles não veem a tecnologia como algo que possa contribuir para o ensino deles, só apenas que a tecnologia serve para acessar rede social, enfim, e não pode trazer nada de bom na questão do ensino**, mas eu acho que a tecnologia contribui sim para o ensino atual, porém teria que ter um pouquinho mais de estrutura nesse meio, salas mais bem equipadas, professores mais bem preparados, porque muitas vezes também o professor também se limita por não ter o domínio total daquilo ali, então muitas vezes ele acaba privando de levar a turma até, por exemplo, ao laboratório, ou então trazer algo que possa despertar mais a curiosidade do aluno. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)*

Entendemos porém que trazer uma mídia digital para a sala de aula, não implica necessariamente, um novo conceito de educação, pois, um mero uso de uma tecnologia específica, não significa que estamos de acordo com os novos tempos, as novas exigências, é necessário ir além disso, promover nos alunos a reflexão crítica do questionamento, ou seja, o letramento digital crítico. Para Silva (2016, p. 10) “Cada nova tecnologia que surge é um reflexo de seu tempo e, ainda que gere desconfiança, causa impacto e exige mudança de hábitos dos indivíduos”, mais um argumento para a escola se adequar ao uso da tecnologia, desenvolvendo nos alunos uma postura que julga o que chega aos olhos e aos ouvidos.

Nesse sentido, concordamos com Jordão (2013, p. 82-83) em relação ao letramento crítico, quando essa autora afirma que “No letramento crítico, para sermos críticos e desenvolvermos criticidade precisamos perceber que nossas próprias crenças e valores também são sócio historicamente construídos, que nossos próprios textos estão ancorados nos contextos discursivos que são produzidos”.

Para entendermos a importância da promoção do letramento crítico, bem como, letramento digital crítico, devemos considerar inegavelmente que as TIC, foram e ainda são responsáveis pelas constantes mudanças e impactos em vários setores da sociedade.

No atinente a outra reincidência que destacou-se nas falas sobre os desafios em práticas pedagógicas, a indisciplina. A indisciplina dos alunos é algo bastante corriqueiro e discutido

nas escolas pelo corpo docente. Várias são as causas desse fenômeno, consideramos como indisciplina, desde a apatia ou a recusa em participar das atividades propostas, como também o oposto disso, que pode ser, agitação, tumulto, falas demasiadamente altas, inquietação, entre outros mais. Um dos desafios do docente diante dessa particularidade é a dificuldade em manter um planejamento quando se tem uma turma muito indisciplinada, dificuldade que se acentua diante do uso das tecnologias para fins pedagógicos. Tendo em vista que requer maior disposição do professor e colaboração dos alunos para que tudo ocorra conforme previsto no planejamento, pois, conforme evidenciado nas entrevistas, também podem ocorrer falhas técnicas dos recursos utilizados, citamos como exemplo, queda de energia, queda de internet, pausas indesejadas em filmes, dentre outros. Os excertos aqui apresentados, retratam essa realidade. Vejamos:

Os desafios que ocorrem no fazer pedagógico, quando a gente pensa em algo, é questão mesmo da indisciplina dos alunos. Muitas vezes a gente pensa em levar algo voltado ao uso das tecnologias, internet, mas nós sabemos que muitas vezes o mal uso acaba dificultando nosso trabalho. Os alunos não sabem ainda discernir no ensino fundamental o que pode e o que não pode ser utilizado em sala de aula. Muitas vezes o celular eles utilizam apenas como meio de comunicação mesmo, não sabem ou não têm a consciência de que a internet hoje é um meio, é uma ferramenta muito importante para o conhecimento deles mesmos, para pesquisas, essas coisas. (Professora Tatiane, 28/06/2018, grifo nosso)

Quanto às iniciativas de formação, que foram desenvolvidos no processo do ensino, a escola que eu trabalho a gente tem um projeto de formação continuada e os coordenadores auxiliam esse uso da tecnologia, existe curso, agora atualmente a gente recebeu acesso a uma plataforma do próprio governo para trabalhar com a tecnologia em sala de aula, tem metodologia, tem apostila, tem coisas maravilhosas, mas só que muitas vezes o que eu percebo, é que as vezes a gente deixa um pouco o uso da tecnologia em sala de aula, mediante as situações do próprio convívio escolar, porque as vezes você tem uma turma muito indisciplinada e aí você acaba se privando de levar até o laboratório ou trazer um data show ou qualquer outro tipo de tecnologia, ou às vezes você não faz uso do celular de forma didática porque muitas vezes o aluno não tem aquela maturidade para poder ministrar aquilo ali e acaba se dispersando. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)

Bom, os desafios que ocorrem no fazer pedagógico, ou seja, quando precisamos colocar em prática o que pensamos. Bom, eu particularmente, penso que o maior desafio, quando se fala em uso de tecnologia, é conseguir manter, conseguir realizar aquele planejamento de acordo com o que eu pensei, porque quando se trabalha com adolescentes, nós temos várias possibilidades de caminhos, eles podem fazer perguntas, eles podem, como se diz, acabar fazendo com que esse trabalho tome outro rumo, então assim, eu acho que o principal desafio, é ter o planejamento e conseguir mantê-lo até o fim. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)

Os dados retrataram a preocupação dos professores em efetivar o processo de ensino, tendo essa particularidade como desafio da prática docente, os mesmos se mostraram interessados em utilizar os recursos a fim de promover o conhecimento, no entanto, quando se deparam com essa realidade, se sentem inseguros em tentar algo novo, mantendo a metodologia tradicional de ensino, em que, o desenvolvimento da aula pode ser previsto. Isso denota que o professor, mesmo que inconscientemente, busca pelo total controle da aula e dos alunos, o que, no mundo atual é muito improvável. Pois, como nos diz Bauman (2001), que nesta era contemporânea, que ele denomina modernidade líquida, nada mais tem estabilidade, solidez, é preciso se reinventar.

Os fragmentos aqui apresentados, correspondem aos desafios sobre o laboratório de informática, a qualidade da internet ofertada na escola e proibição do uso de celular. Vejamos:

*Os recurso tecnológicas que a gente utiliza aqui na escola enquanto professora é mais a questão do **laboratório de informática**, que está sendo inserido esse ano na escola, então são **poucos computadores, a internet aqui não é muito rápida, então a gente tem um pouco de dificuldade em relação a isso**. Mas o laboratório de informática a gente usa bastante, questão de mídia social, a gente usa como exemplo, data show, são coisas básicas mesmo, nada de mais avançado. (Professora Tatiane, 28/06/2018, grifo nosso)*

*Mas, não sou muito adepta ao uso destas tecnologias por conta de disciplina mesmo, de associar isso com a disciplina em sala de aula, até porque **nossa escola não tem wifi liberado para as crianças, não é permitido o uso de celular em sala de aula, apenas de forma pedagógica, mas não tem muito incentivo a esse uso de tecnologia em nossa escola**. (Professora Tatiane, 28/06/2018, grifo nosso)*

O fragmento aqui apresentado, corresponde aos desafios sobre os alunos não possuírem recursos tecnológicos em casa e rejeição ao uso das tecnologias por parte de alguns professores:

*Quanto ao aperfeiçoamento e ao uso tecnológico, eu diria que precisa sim ser adequado, precisa sim ser aperfeiçoado, como tudo no contexto do âmbito escolar. **Os desafios consistem em aparelhos como computador, data show, TV em todas as salas, com internet mais rápida, sem dizer que às vezes nossos alunos não têm, eles não possuem esses meios e internet em casa para desenvolver os trabalhos**. Então muitas vezes um professor ele trabalha sim na escola com os meios tecnológicos, mas quando chega uma atividade para ele fazer extraclasse, eles não conseguem desenvolver, porque na escola tem, e em casa muitos não têm. Essa é a realidade hoje de muitos alunos nossos. (Professora Ester, 28/06/2018, grifo nosso)*

*E, é claro, também que um desafio que precisa ser feito é uma formação mais consistente no uso das tecnologias. **Hoje se cobra muito o uso da tecnologia em sala de aula na escola, porém nem todos os professores eles estão capacitados para isso. E muitos têm uma certa rejeição ao uso tecnológico, preferem atuar de uma maneira mais tradicional**. (Professora Ester, 28/06/2018, grifo nosso)*

Os dados evidenciaram que o atual cenário educacional brasileiro, detêm mais desafios que perspectivas por parte do grupo de docentes que foram entrevistados. No entanto, ressaltamos o entusiasmo do referido grupo quando o assunto são as possibilidades de mudanças para fazer uma educação melhor, com sentido, desenvolvendo a criticidade nos alunos e outras habilidades necessárias para o convívio em sociedade, como o letramento digital.

Escola e sociedade são indissociáveis, a escola necessita adotar uma postura para preparar o aluno a lidar com os desafios que ele irá se deparar sempre, “educar” apontando situações adequadas ou não quanto ao uso das TICs. Ressaltamos a necessidade de constante qualificação profissional e do planejamento diário do professor, trazemos um trecho da fala do professor **Eduardo** “*Eu acho que a gente pode sempre modificar. A gente tem que modificar. A gente não pode ficar parado. Quem fica parado é quem está com medo*”, que retrata a necessidade dessa busca constante por nos tornarmos melhores. Não devemos temer os desafios que iremos encontrar no meio do caminho, muito menos utilizarmos essas dificuldades como ‘desculpas’ para não propor algo diferente, mas sim encontrar alternativas de superá-los ou amenizá-los.

Planejar, diversificar métodos e estratégias de ensino, possibilita a interação, o diálogo efetivo entre professor e aluno, o professor precisa criar um senso reflexivo e crítico em seus alunos, fazendo com que reflitam, participem dos conteúdos, opinem, discordem e tenham vontade de aprender a partir de desafios e propostas que apresenta a eles, esse é o maior desafio.

Relato de prática de letramento digital

Como curiosidade na pesquisa, foi evidenciado por uma das professoras, um relato, mesmo que inconscientemente, de uma prática de letramento digital e também letramento digital crítico. Pondera-se a relevância em destacar este caso, pois surgiu com a análise dos dados. As teorias que embasam tais fundamentos, foram explanadas no capítulo 1.1 e 1.2 deste artigo. Vejamos;

Recentemente eu tive uma experiência com os nonos anos, eu montei, acessei uma plataforma com eles, que se chama “story Bird”, e eles criaram uma história nesse site, e tal, e eles gostaram, acharam da hora assim, e eu não tive problemas assim, quanto a indisciplina, quanto a não conseguir acessar a plataforma, porque a plataforma é toda em inglês, eles iam escrevendo o livrinho lá, que você escreve um

livro, iam acessando pelo google tradutor para ir traduzinho e auxiliando, então, assim, na minha área eu não senti, eu não sinto tanta dificuldade. Mas eu acho que isso está muito ligado à proposta que você tem do seu planejamento. Então, assim, quanto aos recursos tecnológicos, eu sempre que posso tento mediar para leva-los até o laboratório, levo o datashow na sala de aula para apresentar uma aula mais dinâmica, ou algum filme, por exemplo, a semana que vem, nós temos um feriado americano, que é “Independence Day”, então eles estão fazendo um trabalho sobre os países que estão participando da copa, eles vão falar sobre esse dia, os nonos anos estão fazendo um trabalho sobre esse dia, a gente vai assistir um filme, então, assim, só que o uso do celular enquanto meio tecnológico eu não faço, porque a escola já tem a proibição do uso de celular, e eu vejo que eles não têm essa maturidade para poder conseguir usar isso de forma única, exclusiva, para a aula. (Professora Vanesa, 28/06/2018, grifo nosso)

Com o relato da professora Vanesa, finalizamos a análise dos dados, apresentando um fato real, ocorrido em uma escola pública, em que, a professora buscou associar o uso da tecnologia, levando os alunos no laboratório de informática, propondo a produção de uma historinha em inglês, os alunos utilizaram o dispositivo do *google tradutor* para facilitar a compreensão e produção, e ao finalizarem, encaminharam a atividade para o e-mail da professora, ou seja, utilizou a tecnologia totalmente a favor do aprendizado dos alunos, desfrutando das facilidades que ela nos proporciona. Conforme o relato da mesma, nesta aula e com a turma em específico, ela não teve problemas de indisciplina dos alunos. Destacamos também o segundo trecho da fala dela, que por ser professora de língua inglesa, associou a cultura dos Estados Unidos com a produção de atividades, e assim atribuindo sentido ao que é realizado.

Trouxemos esse excerto para evidenciar aos professores que não é necessário pensar em práticas mirabolantes, inimagináveis e inacessíveis. Práticas simples e oportunas, bem pensadas e fundamentadas, desenvolvem nos alunos as habilidades que tanto discutimos neste artigo. Entendemos que não é possível pensar em práticas pedagógicas que utilizem as TICs com os alunos todos os dias, mas, é necessário se adaptar a essa realidade e propor pequenas mudanças, começar devagar e ir aperfeiçoando a teoria à prática pedagógica.

Considerações de Fechamento

Com a globalização e a aceitação praticamente generalizada ao uso das TICs pelas pessoas, se torna impossível pensar em uma sociedade sem elas, o que se confirma, se pensarmos a sociedade no padrão de alguns anos e até mesmo décadas atrás. Tudo mudou e

muda de uma maneira imprevisível, o modo de nos comunicarmos com as pessoas, o modo como acessamos as informações, enfim, a tecnologia é cada dia mais presente em nossa vida.

Sendo a escola o local onde se forma os cidadão para atuarem em sociedade, desse modo, a escola deve se adaptar frente as novas demandas que surgem na coletividade. Nesse sentido, cabe ao professor entender e ser flexível a essa geração de nativos digitais, propondo práticas que envolvam essa realidade.

Desse modo, por meio desta pesquisa procuramos trazer à reflexão questões referentes à contribuição e desafios da tecnologia para o processo de ensino, na visão de um grupo de professores que atuam na educação básica. Percebemos que os professores se colocam bastante entusiasmados nesse aspecto, embora revelam seus desafios e inseguranças frente a essa prática, o que nos remete a ideia de que muito ainda preciso ser feito para um desenvolvimento do letramento digital efetivo.

Algumas questões ainda geram insegurança ao professor, não de uso efetivo dos aparatos tecnológicos, mas sim em como elas podem, de fato, contribuir com o ensino e aprendizagem dos alunos. Mesmo assim estão se desafiando e buscando inserir as tecnologias nas áreas em que atuam. Pois, evidenciam que as questões relativas ao uso de tecnologias não foram trabalhadas ou abordadas suficientemente na formação inicial.

Contudo eles apontam que muita coisa precisa ser melhorada, que é preciso mais formação continuada para dar suporte à prática, que é necessário melhorar a estrutura da escola, dos laboratórios, de uso da internet. Evidenciam que dentre os desafios, o maior deles é fazer com que o planejamento das atividades por meio de uso de TICs se traduza em melhor desempenho do aluno, que faça sentido eles.

Portanto, no contexto de análises aqui abordadas, podemos observar que muitos são os desafios profissionais relativos à interação entre a tecnologia e o ensino aprendizagem, no entanto, o estudo e compreensão do letramento digital e letramento crítico são essenciais para que se atinja esse objetivo. Contudo, os professores buscam usá-las em sala de aula em favor da formação de seus alunos e de aulas mais produtivas. Ainda assim, necessitamos os professores sejam preparados aos novos desafios, tanto na formação inicial quanto na continuada. Assim, temos que, a organização de uma progressão no ensino na escola exige certo esclarecimento das finalidades e se dá de forma contínua e vigilante.

DIGITAL LITERACY: REFLECTIONS ON PROSPECTS AND CHALLENGES IN PERCEPTIONS OF BASIC EDUCATION TEACHERS

Abstract - This paper aims to know and analyze the perceptions that teachers of basic education have about digital literacy, in what corresponds to the process of teaching learning, comprised in two categories of analysis, perspectives and challenges. When thinking about the school's need to adapt to the new demands of society, technology was considered in this research as a new demand, and thus, to identify its contributions and weaknesses for this process. This research was carried out for the discipline of Literacy and Society, of the academic masters in Letters, at the State University of Mato Grosso - Unemat. He wanted to know the position of the teachers who are dealing with this reality. For the writing of this article, we used theoretical support in Applied Linguistics, in the face of theories that deal with literacy, digital literacy and critical literacy, supported by Coscarelli (2016), Freitas (2010) Takaki (2015), Kenski (2012), and others. In-depth interviews were conducted with a group of primary education teachers, who teach classes in elementary education II at a state school system school in the city of Sinop / MT, Brazil, in order to understand how these professionals position themselves technology and its impacts on society, consequently on education. Reflections on teaching practices and the increasingly marked influence of technology have provided opportunities for deep reflection on what teachers think. The data revealed the importance of rethinking the teaching methodologies focused on this particularity, since the transformations in the social environment occur inseparably from the school and thus, develop in students and teachers the capacity to reflect, to think and to express itself more and more appropriate and critically.

Keywords: Digital Literacy. Public School. Basic Education.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, Jose Manuel. **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2005.

ARAGÃO, Rodrigo; CAJAZEIRA, Roselma. Reflexões sobre a formação de professores: relatos sobre o uso de tecnologias educacionais na experiência docente. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco (Org). **Olhares sobre tecnologias digitais: Linguagens, ensino, formação e prática docente**. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 301-323.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAZDEN, Courtney; COPE, Bill; FAIRCLOUGH, Norman; GEE, Jim; et al. **A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures** *Harvard Educational Review*; Spring 1996; 66, 1; ProQuest Psychology Journals, p. 60.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. - Petrópolis: Vozes, 2008.

COSCARELLI, Carla Viana. **Tecnologias para aprender**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM Marck. **Letramentos digitais**; tradução Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016

GREGIO, Bernadete Maria Andreazza. **O uso das tics e a formação inicial e continuada de professores do ensino fundamental da escola pública estadual de campo grande / MS**: uma realidade a ser construída. Campo Grande, 2005. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade Católica Dom Bosco.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982010000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 mar. 2017.

JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco (Org). **Olhares sobre tecnologias digitais**: Linguagens, ensino, formação e prática docente. Campinas: Pontes Editores, 2015.

JORDÃO, Clarissa Menezes. Abordagem comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico – farinhas do mesmo saco? In: ROCHA, C.H.; MACIEL, R. F. (orgs). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã**: por entre discursos e práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. pp. 69-90 (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 33).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARIANI, Fábio. Aprendizagens da docência na formação inicial: os sentidos sobre o ser professor a partir da ideia do bom professor. In: MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda; FONTOURA, Helena Amaral da (Org). **Pesquisa, formação e docência**: processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente em diálogo. Cuiabá: Editora Sustentável, 2017. p. 183-198.

MONTE MÓR, W. Crítica e Letramentos Críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H.; FRANCO MACIEL, R. (Orgs.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã**: por entre discursos e práticas. Coleção: Novas perspectivas em Linguística Aplicada. v. 33, Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.(p.31-50).

PAVANELLI-ZUBLER, Élidi Preciliana. Nas águas das tecnologias digitais: os dizeres de um grupo de professores. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2014.

PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos. Formação de professores X ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. In: **Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**, v. 2, n. 1, 2013, Rio de

Janeiro. **Anais eletrônicos do 10º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Disponível em: <<http://www.alab.org.br/eventosalab/evento/pag.php?view=article&id=9>>. Acesso em: 04 dez. 2017

PESCE, Marly Krüger de; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. Formação do professor pesquisador na perspectiva do professor formador. **Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 04, n. 07, p. 39-50, jul./dez. 2012. Disponível em <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>. Acesso em: 24 mar. 2017

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Imigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> . Acessado em 05 fev 2018.

DA SILVA, Edna Marta Oliveira. O LETRAMENTO CRÍTICO E O LETRAMENTO DIGITAL: A WEB NO ESPAÇO ESCOLAR. **Revista X**, [S.l.], v. 2, n. 1.2016, nov. 2016. ISSN 1980-0614. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/46572>>. Acesso em: 13 jul. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v2i1.2016.46572>.

TAKAKI, Nara Hiroko. Futebol, linguagens e sociedade. In: TAKAKI, Nara Hiroko; MACIEL, Ruberval Franco (Org). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2015. p. 25-42.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VICENTINI, Luiza; ZANARDI, Juliene Kely. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.329-339. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/entrevista/Palimpsesto21entrevista01.pdf>> . Acesso em: 25 mar. 2017

Recebido em: 20/08/2019

Aprovado em: 09/10/2019